

# Interfaces Críticas da Comunicação: Uma introdução ao estudo da obra de Armand Mattelart

Rodrigo Saturnino\*

## Índice

Introdução	1
1 Linhas de pensamento	2
2 Guerra, progresso e cultura	3
3 Esperança democrática	6
Referências Bibliográficas	7

## Introdução

**O** ESTUDO político e econômico da comunicação – aproximando-se ao fenômeno das multinacionais – e o determinismo tecnológico constituem núcleos fundamentais dos estudos realizados pelo sociólogo belga, Armand Mattelart.

Seu percurso acadêmico desenvolve-se com mais vigor a partir da década de 60 no Chile. A realidade que ali encontra, confronta-o com problemas sociais ao mesmo tempo que o incentiva a refletir sobre as estratégias de comunicação como ferramentas de divulgação e mobilização social. Em 1973 é extraditado para a França pela ditadura de Pinochet. Neste período seu pensamento é fortemente influenciado

---

\*Mestre em Comunicação e Cultura e Doutorando em Sociologia pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

pelas demandas revolucionárias da época (Guerra Fria e a opressão dos povos latinos americanos pela agressão norte-americana), levando-o a elaborar uma crítica sistemática à escola dos *communication research*.

Durante os anos 80, Mattelart assume uma mudança epistemológica e passa a optar por um método histórico de pesquisa teórica. Nesta fase, o sociólogo volta-se para temas relacionados às idéias, estratégias, técnicas, sistemas, redes, guerra, máquina e economia, com o intuito de construir elementos teórico-metodológicos que contribuam para um aperfeiçoamento da ciência sobre a história da comunicação social. Esta tarefa visa também o resgate da memória estruturada deste campo da humanidade.

Mattelart reivindica a importância da reflexão epistemológica frente aos neopositivismos e a sedução tecnológica ao propor novas formas de pesquisa e de pensamento. Este teórico procura estabelecer esta perspectiva para situar as rupturas e as continuidades de um tempo no qual os paradigmas entraram em crise e no qual as relações da classe intelectual sofreram profundas mudanças com a produção cultural de volumes.

O pensamento revolucionário, incentivado pelas experiências na América Latina, neste

segundo período, é transformado em conteúdos mais abrangentes e rigorosos como, por exemplo, os livros publicados nos anos 90: *A Comunicação-mundo: História das idéias e das estratégias* (1991), *A Invenção da Comunicação, História das Teorias da Comunicação* (1994), *A Mundialização da Comunicação* (1996).

A mudança no pensamento de Mattelart está também relacionada com o posicionamento teórico influenciado pelas teorias de Gramsci e de Althusser e, obviamente, pelo idealismo marxista que vigorou nas décadas de 60 e 70. Paradigmaticamente, na sua segunda fase, nosso autor dá cabo às suas reflexões a partir de Walter Benjamin, Michel de Certeau, David Morley, Stuart Hall, Umberto Eco, entre outros. Esta alteração torna-se mais evidente quando Mattelart opta por ampliar seu interesse da cultura proletária para as culturas populares ao considerá-las receptoras do projeto hegemônico da comunicação. É uma mudança que sai do determinismo econômico político e volta-se para os estudos culturais.

O pensamento de Mattelart já na década de 90 é uma contraposição ao otimismo exagerado de autores contemporâneos que procuraram estabelecer teorias acerca do nascimento da “sociedade da informação”, como Nicholas Negroponte, Pierre Lévy, Alvin Toffler, Manuel Castells. Estes teóricos defendiam que o paradigma das redes de comunicação, inevitavelmente, conduziria todos os indivíduos a um processo de progresso contínuo para, finalmente, formar a “aldeia global” profetizada por McLuhan. Para contrapor este otimismo “maravilhado”, Mattelart recua na história e sinaliza a existência de uma sociedade regida

pela informação anteriormente ao “marco” defendido por estes autores.

Neste período, a articulação do seu pensamento contempla os fatos históricos para, desta forma, evidenciar que o estabelecimento ideológico da “sociedade da informação”, advém da sua edificação e naturalização, cuja orientação pertence aos interesses hegemônicos norte-americanos. Mattelart destaca, por exemplo, que a origem deste discurso funda-se em sintonia com a estruturação geopolítica, de dimensões ideológicas, que adquire *status* no final do século XX quando o planeta vivencia a era dos fins. Segundo Mattelart, trata-se de um projeto de globalização que destitui antigas utopias, finaliza as ideologias e faz sucumbir as classes para dar lugar à era da informação mercantilizada. A consequência imediata é a interconexão social generalizada das economias e aceleração do processo de “incorporação das sociedades particulares em grupos cada vez maiores” (Mattelart 2000,11).

## 1 Linhas de pensamento

Podemos dividir o percurso de Mattelart a partir de cinco principais linhas metodológicas (Cf. Maldonado, 1999). A primeira relaciona-se com o período revolucionário onde se destaca a análise da imprensa liberal no Chile mediante aplicações básicas da semiologia-estruturalista francesa. Nesta fase, Mattelart apropria-se da produção de textos esquemáticos como ponto de partida da reflexão sobre a influência da mensagem ideológica. A obra *Para ler o Pato Donald: O veneno ideológico de Donald* (1978), escrita em co-autoria com Ariel Dorfman, sintetiza de forma mecanicista esta fase: as per-

sonagens de Walter Disney representam a cultura imperialista dominante.

A segunda linha diz respeito aos estudos político-ideológicos que este autor constrói. Nesta etapa, Mattelart reformula e critica o pensamento marxista acerca da comunicação na tentativa de elaborar uma teoria crítica revolucionária da comunicação social nos anos 70. O pensamento produzido neste período, posteriormente, influenciaria diversos setores da esquerda latino-americana (Cf. Maldonado, 1999).

A terceira linha metodológica de Mattelart refere-se à economia política dos sistemas e meios de comunicação. O autor produz conhecimentos acerca da configuração do capitalismo na comunicação social. Neste período, Mattelart procura estabelecer a história deste campo de estudos através da análise documental de arquivos de empresas transnacionais, do Pentágono e do Governo dos Estados Unidos. Esta fase está representada na obra *Comunicação-mundo: História das Idéias e das Estratégias* (1991) em que Mattelart organiza, rigorosamente, o processo histórico da formação da comunicação.

Como quarta linha de pensamento destaca-se seu período epistemológico. Mattelart estabelece elementos teórico-metodológicos a fim de estabelecer uma nova forma de pensar acerca da comunicação, desta vez analisada a partir de uma perspectiva crítica transformadora. O autor demonstra, por exemplo, na obra *A Invenção da Comunicação* (1996), como o pensamento “esclarecido” do século XVIII colaborou com o desenvolvimento, no século posterior, das utopias da comunicação e da transparência mundial.

Na sua última linha metodológica, este

teórico realiza uma pesquisa exaustiva acerca das origens das idéias, das estratégias e dos modelos conceituais relacionados ao mundo da comunicação nos últimos dois séculos. Neste aspecto, Armand Mattelart estabelece a relação entre o desenvolvimento das tecnologias a partir dos finais do século XVIII e o surgimento de meios e instrumentos que ampliariam a comunicação humana. Para este autor o pensamento acerca da comunicação entre os homens só foi possível a partir das transformações históricas que a institucionalização do capitalismo ocasionou no mundo.

## 2 Guerra, progresso e cultura

A perspectiva história da comunicação perpassa toda a produção mattelarniana. Uma das suas principais teorias, a idéia da “comunicação-mundo”, fundamenta-se através da apropriação do conceito de “economia-mundo”, formado no século XVI na Europa Ocidental, e é descrita a partir de três pilares: guerra, progresso e cultura (Mattelart, 1991).

Numa breve contextualização o autor invoca o Iluminismo e o Liberalismo como as fontes maternas das redes técnicas, “ (...) dois projetos de construção de um espaço mundial totalmente fluido, ora opostos, ora convergentes” (Mattelart 2000, 15). Além dos aspectos teóricos, Mattelart resguarda-se em apresentar inúmeros fatos para construir uma cronologia institucional da comunicação, passando, por exemplo, pelo primeiro sistema de telecomunicações da França durante o século XVIII, até a história do Telégrafo, dos Correios e do Telefone.

A formação desta rede interconectada liga-se, historicamente, aos séculos XVII e

XVIII quando se constitui o problema em torno das vias de comunicação e da vinculação dos territórios à formação de um espaço nacional. A liberalização dos fluxos durante o Iluminismo através da instalação de pontes e estradas, ideologicamente baseada na domesticação da “natureza selvagem” que separava os homens e impedia sua mútua compreensão, é o início da invenção das redes de comunicação, “fruto da esperança no futuro” (Mattelart 2000,16; 1996, 10).

A construção das vias, segundo este autor, favorece o surgimento da primeira rede mediante a necessidade de transportar e garantir o fluxo de pessoas e mercadorias com vistas à dinamização do mercado, desenvolvimento do setor industrial e domínio em escalas alargadas. Estamos diante daquilo que Mattelart considera ser o esboço da sociedade do fluxo, legitimada pelo pensamento racional e as metáforas estabelecidas entre o organismo e a máquina e a sinergia com a lógica acumulativa do capital, sintetizada pela dinâmica das guerras.

A teoria de Saint-Simon sobre a “Associação Universal sob o ponto de vista da indústria” é invocada por Mattelart como um dos paradigmas precursores capaz de situar as primeiras noções das redes técnicas. A hipótese saint-simoniana, baseada no positivismo, presumia que o planeta deveria ser explorado apenas por homens associados a uma causa comum a ponto de gerar uma sociedade industrial. No modelo pleiteado por Saint-Simon, o Estado-providência não deveria exercer nenhum tipo de tutela para tornar possível a reestruturação do gerenciamento dos indivíduos. A idéia de rede torna-se a figura simbólica com capacidades exequíveis de trazer à realidade esta nova organização social (Mattelart 2000, 37 -38).

A tese saint-simoniana seria a resposta para a dupla crise do séc. XIX: a primeira, com origem nos resquícios da empreitada revolucionária e falida do Iluminismo ao tentar criar uma nova ordem social; e a segunda, a crise da “Europa desorganizada”, incapacitada de reconstruir a paz internacional. O pressuposto do saint-simonismo, levado a cabo por Michel Chevalier, se restringia à utilização desta rede como ponto de partida para coação de toda complexidade do organismo social. A comunicação em rede é o ponto-chave para dar início, se não à manutenção deste projeto, ao encurtamento das distâncias e a aproximação entre as classes mundiais.

O empirismo desta hipótese dá-se com a criação das primeiras Exposições Universais. Estes encontros colaboraram na formação do imaginário comunicacional onde o saber, o conhecimento mundial e o livre mercado se confraternizam no mesmo espaço e no mesmo tempo, condensando os pressupostos da modernidade e do progresso supranacional (Mattelart 1996, 32).

Avançando na perspectiva histórica apresentada no livro *Comunicação-mundo: Histórias das Idéias e das Estratégias*, e também na sua *História da Sociedade da Informação*, o autor parte do princípio da Guerra Total como problemática para desenvolvimento das tecnologias da comunicação e da formação das redes.

Os confrontos mundiais fortalecem a posição dos *media* no mundo enquanto instrumentos ideológicos para dominação hegemônica. Nesta altura, a propaganda adquiria “seus primeiros galões como técnicas de gestão da opinião de massa, mas igualmente como meio de pressão sobre os responsáveis de governos es-

trangeiros”, como no caso da Primeira Guerra Mundial, “na qual a guerra política, a guerra econômica e a guerra ideológica se tornaram (...) decisivas” (Mattelart 1991, 63).

Durante a Guerra Fria a concepção propagandística da comunicação alcança seu prolongamento ao determinar os modelos de implantação dos sistemas de satélite. Estados Unidos e a antiga União Soviética esmeram-se em aplicar recursos financeiros no financiamento de armas nucleares e ideológicas proliferando as tecnologias da comunicação. Numa súbita evolução, essa disputa de poder desenvolveu aparatos iniciais (como o primeiro computador de transistores da IBM), fruto do investimento de fundos provenientes do Pentágono.

A incerteza de bombardeios soviéticos, na década de 60, sobre os Estados Unidos, incentiva o Departamento de Guerra norte-americano a subsidiar o desenvolvimento de um sistema de transmissão de dados em tempo real entre os computadores conhecido como *Arpanet*. O objetivo do sistema era multiplicar a presença dos militares em diversos pontos através de inúmeros computadores conectados por uma única rede e permitir o envio de informações instantâneas entre eles. Além da conexão em rede, os militares acreditavam que o sistema era capaz de garantir o envio de mensagens “blindadas” (*tunneling*) através de um novo protocolo de leitura a partir da tecnologia de comutação de pacotes. Posteriormente ao seu sucesso, o *Arpanet* foi utilizado por instituições governamentais, fornecedores de material bélico e por universidades. Evoluiu para o sistema da Internet na década de 1980, e em meados dos anos 90 foi estendida para o uso civil.

A ênfase na guerra dada por Mattelart está relacionada com o condicionamento que ela cria para o aprimoramento tecnológico das redes técnicas de comunicação e informação. Tais sistemas tecnológicos (como a criação de satélites, computadores e a cibernética) passaram a ter um papel estruturador tanto da organização social como da nova ordem mundial: um ponto de partida para a globalização e o restabelecimento do conceito de rede.

Seguidamente ao período das hostilidades, a comunicação mundial, acredita Mattelart, configura-se em um projeto que, hipoteticamente, ostenta fazer da sociedade um agrupamento conectado por interesses e por aparatos tecnológicos a fim de “facilitar” a vida social e o trânsito de mercadorias e ideologias. Por outro lado ela gera a dinâmica do próprio idealismo da guerra que mata, exclui, segrega e exerce o poder.

Eterna promessa, a rede de comunicações é símbolo de um mundo melhor, porque mais solidário. Da estrada de ferro até as “estradas da informação”, esta crença foi se reavivando no decorrer das gerações tecnológicas. As redes, porém, sempre estiveram no centro da luta pelo domínio do mundo. (Mattelart 2000,1)

Da guerra para uma sociedade em redes de informação. É assim, a grosso modo, o progresso ocasionado pelo advento da comunicação tecnológica, marco estabelecido de uma complexa rede de informação mundial.

A idéia do “progresso para todos” é reforçada pelo entusiasmo de Harry Truman (presidente dos EUA, ativista democrata

contra o comunismo e inimigo de Hiroshima e Nagasaki), através de uma campanha contra o “subdesenvolvimento” e os “desequilíbrios sociais” que ameaçavam aumentar a proliferação do comunismo mundial. Um dos pontos relevantes do seu plano de governo era a formação de uma sólida opinião pública que acreditasse na validade desta empreitada.

A meta das estratégias de persuasão era “fazer evoluir” as populações em estado de “subdesenvolvimento”, ou seja, fazê-las passar de uma cultura e de uma sociedade ditas tradicionais para uma cultura e uma sociedade ditas modernas (Mattelart 2000, 95). A qualificação do nível de modernização em que se encontravam estes grupos era calculada por estatísticas pontuadas através de índices específicos: “taxas de alfabetização, industrialização, urbanização e exposição às mídias” (Mattelart 2000, 96). Os países com baixos índices comprovados deveriam seguir a recomendação da Unesco para saída do estado “subdesenvolvido em concentrar parte de seus empreendimentos na criação de canais de comunicação com os indivíduos. Em números exatos para cada 100 habitantes: “dez exemplares de jornal, cinco aparelhos de rádio, dois televisores, dois assentos de cinema” (Mattelart 2000, 96).

Os veículos de comunicação moderna, antes utilizados em campos de batalha, mudam de local mas não de função para quem os detêm. Ressurgem no período pós-guerra como agentes inovadores do progresso que espalham ideologias, modelos de consumo e esperança para as economias “subdesenvolvidas”. A cristalização hegemônica do controle mundial da comunicação advoga a transformação da cultura a partir da inserção destes produtos do “progresso”.

Esta crença cega num progresso exponencial e na capacidade modernizadora das mídias não passa de simples atualização das velhas concepções etnocêntricas das teorias difusionistas do século XIX. O “primitivo” agora é “subdesenvolvido”, e sua única opção é imitar os modelos dos mais adiantados. (2000, 96).

### 3 Esperança democrática

Para nosso autor a comunicação é ponto de partida para o desencadeamento do processo político-econômico estabelecido durante a formação das tecnologias e das redes. A história da comunicação internacional está tecida por laços que se formaram entre o fazer a guerra, a promoção do progresso e a transformação da cultura: um programa de unificação do planeta que trata “a mudança social como um produto derivado da economia generalizada e da *market mentality*, e confia ao monetarismo a incumbência de estruturar a sociedade digital” (Mattelart 2000, 185; 1996, 153).

A proposta alternativa de Mattelart diz respeito à formação de uma recepção crítica organizada deste tipo de discurso através da construção de um poder popular revolucionário participante no processo político. O receptor é o ponto principal para desencadear este processo. Sua sugestão é revisar a concepção sobre a relação emissor/receptor do ponto de vista da sua epistemologia. Nesta fase, seus apontamentos descrevem a cultura popular como um artefato embutido no jogo de consumo proposto pelas indústrias culturais. As empresas catequizam seus receptores a consumiram a partir da identifi-

cação que estes indivíduos realizam quando reconhecem matrizes populares na programação dos conteúdos.

A lógica do cotidiano proposta por Michel de Certeau torna-se um dos pontos de partidas em que nosso autor irá apoiar-se para redefinir o papel das culturas populares diante do sistema econômico capitalista e do totalitarismo das redes de comunicação. Apesar de a hegemonia existir, para Mattelart nem tudo é mercado ou lucro. Existem, nas culturas populares, mecanismos próprios de subversão e exclusão desse sistema considerados como instrumentos destoantes do princípio capitalista, representados por uma “lógica da indisciplina”, por relações sociais solidárias e por uma ética que sobrevive à miséria e à exploração.

Apesar de demonstrar um aparente e repetitivo tom apocalíptico e escatológico na sua história da comunicação internacional, Mattelart deixa evidente uma esperança democrática quase utópica-revolucionária capaz de desmascarar a ilusória redenção global proposta através da ideologia das redes e do consumo. Esta condição só vem à tona mediante a busca de uma interdependência que liberta as “diversas comunidades humanas da obsessão das identidades únicas” e derruba “as cercas mentais da intolerância atizada tanto pelos nacionalismos exclusivistas como pelo mundialismo dos triângulos de ouro do livre comércio” (Mattelart 2000, 186; 1996, 153).

## Referências Bibliográficas

MALDONADO, E. (1999). “Teorias Críticas da Comunicação: O Pensamento de Armand”, Intexto, Porto Alegre:

UFRGS, v. 2, n. 6, p. 1-23, Julho/Dezembro.

MATTELART, A. (2009). “A construção social do direito à Comunicação como parte integrante dos direitos humanos”, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. VI. 32, n. 1, p. 33-50, jan./jun. São Paulo: Intercom.

\_\_\_\_\_. (2007). “Mundialização, cultura e diversidade”, Revista FAMECOS: Mídia, cultura e tecnologia, Brasil, v. 1, n. 31, disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/1126/843>. [consultado a 25 de Fevereiro de 2010].

\_\_\_\_\_. (2006). “Armand Mattelart: do Pato Donald ao McDonalds”, Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Brasil, v. 1, n. 17. Págs. 66-73, disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/299/230> [consultado a 25 de Fevereiro de 2010].

\_\_\_\_\_. (2002a). “Cultura e Universalismo na era da mercantilização”. Palestra. Fórum Social Mundial, Porto Alegre, disponível em <http://www.uff.br/mestcii/mattelart1.htm> [consultado a 10 de Fevereiro de 2010].

\_\_\_\_\_. (2002b). História da sociedade da informação. São Paulo: Loyola.

\_\_\_\_\_. (2000). A globalização da comunicação. Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC.

\_\_\_\_\_; MATTELART, M. (1997). *História das Teorias da Comunicação*. Coleção Campo dos Media. Lisboa: Campo das Letras.

\_\_\_\_\_. (1996). *A mundialização da comunicação*. Coleção Economia e Política. Lisboa: Instituto Piaget.

\_\_\_\_\_. (1994). *A Invenção da Comunicação*. Coleção Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget.

\_\_\_\_\_. (1991). *Comunicação-mundo: Histórias das Ideias e das Estratégias*. Lisboa: Instituto Piaget.

\_\_\_\_\_; DORFMANN, A. (1978). *Para ler o Pato Donald: O veneno ideológico de Donald*. Lisboa: Iniciativas Editoriais.

\_\_\_\_\_. (1971). “El medio de comunicación de masas en la lucha de classes”, *Revista Pensamento Crítico*, n. 53, págs 4-44. Cuba: Instituto Cubano del Libro La Habana.

MULLER, C.; HERZ, D. (1981). “O contexto de Armand Mattelart”, *Revista Comunicação e Política*. Volume 1, número 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

*Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación*, disponível em [www.eptic.com.br](http://www.eptic.com.br) Vol.V, n.1, Ene./Abr. 2003 [consultado a 10 de Fevereiro de 2010].